

Só resta o passado para a classe trabalhadora? Notas sobre desindustrialização e história social do trabalho¹

Is the Past All that Remains for Workers? Notes on Deindustrialization and the Labor History

Paulo Fontes*

RESUMO

Esse ensaio procura apresentar alguns aspectos da crescente literatura internacional sobre a desindustrialização, mostrando como os debates sobre este tema podem abrir um interessante diálogo com a produção da história social do trabalho no Brasil e seus desafios atuais. Palavras-chave: Desindustrialização; Trabalhadores(as); História social do trabalho; Mundo fabril; Movimentos sociais.

ABSTRACT

This essay intends to present the growing international scholarship on deindustrialization, arguing that the debates on this topic can open up an interesting dialogue with the production of Brazilian labor history and its current challenges.

Keywords: Deindustrialization; Workers; Labor History; Industrial World; Social Movements.

Durante minha infância e pré-adolescência, nos anos 1970 e início dos 80, os principais passeios familiares dominicais eram as visitas a parentes e amigos nas periferias e na região metropolitana de São Paulo. Guarulhos e São Miguel Paulista eram os destinos mais comuns, mas também íamos com alguma frequência à região do ABC Paulista, onde meu pai tinha alguns amigos e parentes distantes. Alguns eram metalúrgicos, mas todos eram migrantes nordestinos como ele. Íamos todos na Brasília verde, que, junto com a família arrumada, papai gostava de mostrar. Frequentemente íamos almoçar em algum restaurante da então famosa rota do frango com polenta.

Eu lembro bem de que, quando íamos para São Bernardo do Campo, logo

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. pfontes@mandic.com.br <<https://orcid.org/0000-0002-9277-6193>>

no início da Rodovia Anchieta, chamava a minha atenção uma grande construção meio exótica emulando pirâmides e com muros pintados com figuras egípcias, com destaque para uma suposta Cleópatra. Era o Motel Faraós. Mais adiante na estrada, ficavam visíveis enormes galpões industriais. Meu pai, com o orgulho nacional desenvolvimentista típico dos trabalhadores de sua geração, sempre apontava para uma delas e dizia: “Aquela é a Ford”. Um pouco depois, ao percorrer uma muralha quase interminável, ele completava: “essa é a Volkswagen, onde fazem essa Brasília. É a maior fábrica do Brasil”².

Anos depois, quando me tornei um educador sindical e um historiador interessado nas questões do trabalho, percorri, por conta própria, várias vezes, aquele caminho. Cheguei a visitar as fábricas da Ford e da Volkswagen. Acho que jamais imaginei que, em 2019, a Ford seria fechada e demolida, e que hoje apenas um terço das instalações da Volkswagen seja efetivamente utilizado na produção de automóveis. Os restantes dois terços ficam às moscas e praticamente só são utilizados para a *Volks Run*, uma minimaratona que ocorre anualmente no interior da fábrica³. Mais que isso, eu jamais imaginaria, e acho que ninguém apostaria, que o Motel Faraós sobreviveria ao fechamento da Ford e ao enxugamento da Volkswagen (e ao fim da rota do frango com polenta!)⁴. O Faraós continua lá. Firme e forte com suas imagens de Cleópatra e hieróglifos.

Apesar de parecer ter um certo tom saudosista, essa pequena anedota pessoal abre esse texto com o principal intuito de ilustrar e estimular algumas reflexões iniciais sobre o fenômeno que tem sido chamado (não sem controvérsias) de desindustrialização. Esse ensaio procura apresentar alguns aspectos da crescente literatura internacional sobre esse tema, mostrando como os debates sobre a desindustrialização podem abrir um interessante diálogo com a produção da história social do trabalho no Brasil e seus desafios atuais.

A indústria forjou o mundo como o conhecemos nos últimos dois séculos. Como sabemos, a onda de industrialização iniciada no século XVIII, e desenvolvida na Europa e no resto do mundo nos séculos XIX e XX, está fundamentalmente associada a um amplo processo de configuração do capitalismo, de reestruturação das formas de produção e de reorganização das sociedades e da ordem mundial, sendo entrelaçada e articulada com diversos processos definidores da chamada modernidade, como o colonialismo, as guerras, a democracia e a luta de classes, entre outros.

Mola mestra do desenvolvimento capitalista durante os séculos XIX e XX, as fábricas geraram temor e admiração. Foram símbolos das potencialidades humanas, mas também de exploração e sofrimento. Moinhos satânicos para uns, a redenção da humanidade para outros. Em nenhum país do mundo, ao

longo desse período, a maioria das pessoas trabalhou em grandes fábricas, mas foi a existência desse mundo industrial que, em enorme medida, estruturou a vida urbana (mas também a rural), a infraestrutura, o setor de energia, os transportes, os serviços (inclusive os domésticos) e mesmo a burocracia estatal e a agricultura e, portanto, o emprego de trabalhadores e trabalhadoras ao redor do globo. Como sabemos hoje, com os debates sobre o Antropoceno, essa era industrial impactou de forma decisiva o meio ambiente e o clima do planeta, podendo ter gerado, inclusive, uma nova era geológica (Jonsson, 2012).

A indústria também colaborou fundamentalmente para construir um imaginário sobre a contemporaneidade. Correntes artísticas como o futurismo e outras vanguardas modernistas cultuaram as fábricas como objetos de reflexão e representação. A fotografia e o cinema foram simultaneamente frutos desse mundo industrial emergente e frequentemente o retrataram. O urbanismo, a administração de empresas, várias áreas das engenharias, entre outras disciplinas acadêmicas contemporâneas, são filhas diletas da industrialização.

Da mesma maneira, em grande medida, as ciências sociais desenvolveram-se nos séculos XIX e XX para compreender o universo das fábricas e da sociedade construída em seu entorno. Durante décadas, industrialização foi sinônimo de progresso, desenvolvimento e modernidade. O próprio termo “países industrializados” foi lido durante muito tempo (e em alguma medida ainda o é) como sinônimo de “países desenvolvidos”. A industrialização era, assim, um objetivo perseguido por diferentes regimes políticos ao redor do globo, incluindo, frequentemente, sobretudo lideranças nacional-desenvolvimentistas, socialistas e pós-coloniais⁵. Para os historiadores, analisar a trajetória deste mundo fabril, suas contradições e conflitos, seus impactos na sociedade e na natureza, bem como suas relações com Estados, instituições e grupos sociais, tem sido um dos temas dominantes de diversas áreas da disciplina, inclusive, obviamente, a história social do trabalho.

Nas últimas quatro décadas, no entanto, o mundo industrial tradicional, moldado, ao longo do século XX, pelo chamado modelo fordista, e na organização de trabalho taylorista, entrou em profunda crise. Fechamento massivo de fábricas, diminuição progressiva do peso do setor secundário na economia e desestruturação e enfraquecimento de instituições e redes de sociabilidades articuladas em torno das diversas comunidades industriais (como os sindicatos, as cooperativas operárias e as organizações de bairro, entre outras) são alguns dos fenômenos que têm sido denominados de desindustrialização.

A suposta decadência do modelo fabril tem sido central para a disseminação da ideia de que o “antigo capitalismo industrial teria se transformado em

uma sociedade pós-industrial [...] e de que a classe trabalhadora teria perdido sua importância política e social” (Amorim; Guilherme, 2025). No entanto, muitos autores vêm criticando essa perspectiva, demonstrando que indústria não é mero sinônimo de fábrica, e que a tradicional divisão da economia entre setores primário, secundário e terciário é simplista e desatualizada. Alguns chegam a denominar as novas relações de trabalho e de organização econômica e social na era do neoliberalismo de “capitalismo industrial de plataforma” (cf., entre outros, Amorim; Cardoso; Bridi, 2022). Apesar dos argumentos convincentes de muitos desses autores e da crescente inquietação com as limitações da caracterização da sociedade contemporânea como “pós-industrial”, é fato que, no senso comum e na maior parte do debate público, predomina fortemente a noção do fim da fábrica e de um mundo desindustrializado.

No entanto, o conceito de desindustrialização tem sido objeto de controvérsias e debates acadêmicos e políticos. De fato, é possível dizer que já ocorreram vários momentos de desindustrialização em diferentes períodos. A dificuldade inerente ao uso do conceito também está relacionada com a diversidade de processos de reestruturação fabril, as mudanças nas expectativas de lucro entre os setores industriais, as variadas formas de mobilidade do capital ou as transformações dos processos de trabalho e das estratégias gerenciais no interior de ramos industriais específicos. Cada um desses processos pode resultar em diferentes formas de realocação espacial e recomposição da força de trabalho.

Além disso, atualmente, em um aparente paradoxo, com o deslocamento de cadeias produtivas para o continente asiático, nunca, em números absolutos, tantas pessoas trabalharam em indústrias como nos últimos anos. Numa escala global, e, frequentemente, mesmo no nível nacional, processos de “desindustrialização” e “reindustrialização” caminham conectados. De certa forma, o fim da era industrial e a desindustrialização soam como conceitos excessivamente “norte-atlanticocêntricos” e, embora pareçam cair como uma luva para o caso brasileiro, precisam ser relativizados e provavelmente colocados entre aspas. Segundo dados de 2015 da Organização Internacional do Trabalho e do Banco Mundial, cerca de 24% da população economicamente ativa em todo o globo trabalha no setor secundário (WORLD BANK GROUP, 2025). O mundo industrial continua a existir, mas mudou de endereço e forma. A fábrica, portanto, ainda define muito do nosso mundo, como nos lembra o historiador do trabalho estadunidense Joshua Freeman (2019)⁶.

No entanto, a imagem das fábricas como símbolos absolutos de progresso e desenvolvimento está em crise. De fato, contemporaneamente muitas delas são associadas à degradação ambiental e urbana, quando não ao atraso. Quan-

do relacionadas ao desenvolvimento tecnológico, são caracterizadas como espaços vazios, praticamente sem a presença humana, lugares “habitados” por máquinas e robôs. Com efeito, são cada vez mais difundidas as previsões de que a automação e as transformações tecnológicas atualmente em curso destruirão o emprego fabril para sempre.

Os trabalhadores industriais são pouco lembrados. Quando o são, o imaginário sobre eles parece ter se alterado radicalmente. De líderes da construção de uma nova ordem política e agentes da transformação social, como frequentemente foram vistos na esquerda, ou como sinônimos da classe social do proletariado nos estudos sociológicos e econômicos de meados do século XX, os operários passaram a ser vistos com desdém e desconfiança. Em muitos contextos, foram racializados (a “classe trabalhadora branca” nos Estados Unidos, por exemplo) e relacionados à decadência social, moral e ao conservadorismo político (cf., entre outros, Sennett, 2005; Cowie, 2010; Jones, 2011; Standing, 2013; Todd, 2014). A classe parteira do futuro parece enterrada no passado.

De fato, o debate sobre a existência de uma sociedade pós-industrial e sobre o fim da classe operária como um ator político transformador já é bastante antigo, mas a consolidação dos processos de desindustrialização no Norte Global nas últimas décadas (e o fim da União Soviética e dos regimes socialistas na Europa Oriental) deu a ele um novo impulso. Uma parte significativa das análises sobre os “novos movimentos sociais” nos anos 1960 e 70 partia justamente do pressuposto do ocaso da classe operária e da irrelevância de suas organizações⁷. Em uma perspectiva política e academicamente mais tradicional, afloraram as teses sociológicas sobre os “trabalhadores afluentes” que teriam se tornado conservadores e parceiros da acumulação capitalista produzida nos países desenvolvidos (cf. Goldthorpe et al., 1968).

O intenso ciclo de lutas sociais e greves operárias em todo o globo, entre as jornadas de 1968 e a derrota da paralisação dos mineiros britânicos em 1984, parecerem, por um tempo, recolocar os tradicionais trabalhadores industriais no centro da luta política e do interesse intelectual, e inspiraram leituras otimistas e românticas sobre o controle operário que, partindo das fábricas, como lócus fundamentais de transformação, se espalharia sobre toda a sociedade. O “obreirismo”, por exemplo, nascido na Itália, teve ressonância em lugares tão diferentes como o Reino Unido, os Estados Unidos, a África do Sul e o Brasil, entre outros⁸.

Sabemos, hoje, no conforto de uma avaliação *post facto*, que a efervescência operária daqueles anos estava relacionada ao que poderíamos chamar de “crepúsculo da fábrica fordista”. Observadores argutos, no entanto, já pressen-

tiam as alterações nas placas tectônicas que conformavam a classe trabalhadora industrial e sua política. Já em 1978, Eric Hobsbawm causou enorme polêmica ao anunciar o fim da marcha adiante da política trabalhista no Reino Unido. No início dos anos 1980, André Gorz, de maneira provocativa, dava “adeus ao proletariado” (cf. Hobsbawm, 1981a; Gorz, 1981). Tanto nos Estados Unidos, com o “choque Volker” e a “reaganomics”, quanto no Reino Unido, com a agressiva política neoliberal de Margaret Thatcher, uma devastadora desindustrialização reconfigurou profundamente o lugar simbólico e político dos trabalhadores naquelas sociedades⁹. No Brasil, com suas características de industrialização tardia (cujo ápice se deu justamente na virada dos anos 1970 para 80), bem como com o lento e agônico declínio do nacional-desenvolvimentismo e a emergência de um sindicalismo forte e atuante ao longo dos anos 1980, os impactos da agenda neoliberal e de uma desindustrialização massiva só seriam sentidos realmente a partir da década de 1990.

Assim, quando falamos em “desindustrialização”, muitos de nós não estamos pensando apenas no fechamento de fábricas e na diminuição do emprego industrial, muito menos num conceito sociológico ou econômico que, a partir de uma descrição, “pode ser invocado como uma explicação”, mas, principalmente, na perda do poder simbólico e político do mundo fabril e dos trabalhadores/as e suas organizações, o que tem resultado na crise daquilo que muitos pensadores sociais denominaram de “democracia industrial”¹⁰. Também estamos falando em como a chamada desindustrialização se relaciona com processos históricos de mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas que têm forte impacto nas relações de gênero e como, em vários casos, tais processos têm reacendido velhas e criado novas divisões étnicas e raciais. Além disso, pensamos igualmente em como a memória e as trajetórias específicas de industrialização e desindustrialização têm influenciado sociedades e localidades marcadas pelo passado industrial.

Em que pese sua importância, a desindustrialização ainda é pouco estudada pelos historiadores, apesar de algumas iniciativas em nível internacional. No Brasil, uma visão economicista domina a pesquisa sobre o tema. Mesmo economistas de matriz desenvolvimentista e entusiastas de uma retomada de processos de reindustrialização no país tendem a ver a desindustrialização brasileira das últimas décadas quase que exclusivamente pelo ângulo da queda do emprego industrial e da participação do setor secundário no PIB. Em geral, essas análises acabam por negligenciar os processos históricos e a ação dos sujeitos sociais (cf., entre outros, Oreiro; Feijó, 2010; Cano, 2012; Bacha; de Bolle, 2013; Pochmann, 2016; Maia, 2020; Morceiro; Guilhoto, 2023; Ribeiro, 2024).

Em nível internacional, vem se forjando uma área de estudos específica de análise dos processos de desindustrialização. Trata-se de um campo bastante interdisciplinar, com grande presença de historiadores sociais. Embora ainda muito centrada na academia do Norte Global, a área tem crescido em países como Índia e África do Sul, embora ainda seja incipiente na América Latina¹¹. A rede de pesquisadores “Deindustrialization and the Politics of Our Time (DePOT)” é, provavelmente, o espaço acadêmico internacional mais importante para os estudos sobre a desindustrialização (DéPOT, [s.d.]).

A seguir, procuro apresentar uma rápida introdução a esse debate contemporâneo nesse campo de estudos sobre desindustrialização para, na sequência, estabelecer alguns pontos de diálogo entre essa crescente produção internacional e a história social do trabalho brasileira¹².

O termo “desindustrialização” começou a ganhar popularidade no final dos anos 1970, quando passou a ser utilizado por pesquisadores, sindicalistas e ativistas de movimentos contra o fechamento de plantas industriais em países da Europa Ocidental e da América do Norte. Nos Estados Unidos, ele ganhou reconhecimento acadêmico com o livro *The Deindustrialization of América* (1982), dos economistas Barry Bluestone e Bennet Harrison. Ligados aos movimentos sociais, esses economistas enfatizaram a desindustrialização como um conflito entre “capital X comunidades”. Em outros países, o termo desindustrialização era frequentemente usado pela esquerda como uma crítica ao imperialismo (geralmente o estadunidense). De qualquer forma, essa primeira onda de estudos sobre o tema focava fortemente tanto nos processos econômicos que levavam ao fechamento de indústrias em determinadas regiões (o que poderia ser chamado de “uma economia política da desindustrialização), quanto nos movimentos sociais de resistência a esses fechamentos.

A publicação, em 2003, da coletânea *Beyond the Ruins: The Meanings of Deindustrialization*, organizada pelo historiador do trabalho Jefferson Cowie e pelo urbanista Joseph Heathcott, significou uma guinada histórica e sociológica nos estudos da desindustrialização. Os autores do livro lembravam que a mobilidade do capital e o fechamento de plantas industriais não eram exatamente uma novidade no capitalismo. A desindustrialização de uma cidade poderia ser (e geralmente era) a industrialização de outra. Mas reconheciam uma mudança de patamar nesse processo. Nesse sentido, a desindustrialização deveria ser vista como parte fundamental das transformações históricas do capitalismo, sendo um dos tripés fundamentais dos processos de financeirização e do que se convencionou chamar de neoliberalismo. Portanto, deveria ser estu-

dada como um processo social e histórico para além dos dados quantitativos da transformação do emprego, mas como uma mudança no próprio tecido social.

Nesse sentido, o conceito deveria ser tratado com a cautela com que os historiadores sociais nas últimas décadas passaram a tratar generalizações e abstrações. O mesmo cuidado com o qual se passou a lidar com termos como “industrialização”, “urbanização” e “Revolução Industrial” deveria ser aplicado à desindustrialização, para além dos limites descritivos do conceito, como já observei acima. Dessa forma, na perspectiva indicada por Cowie e Heathcoat, tornou-se fundamental analisar como os trabalhadores e trabalhadoras experienciam e experienciaram esses processos (e, em geral, esse declínio da ordem industrial tem sido percebido como a dissolução da sua cultura e dos seus modos de vida), sem, no entanto, cair na tentação de uma ideia de vitimização e de uma inócua “nostalgia da chaminé” (Cowie; Heathcoat, 2003).

Essa perspectiva abriu toda uma possibilidade para estudos com ênfase nos processos históricos e na agência e subjetividades dos sujeitos envolvidos nos processos de desindustrialização, em particular nas fábricas e comunidades atingidas. Não por acaso, os debates em torno das “memórias (des)industriais” e o uso da metodologia da história oral têm sido frequente nessa área (cf., por exemplo, Clarke, 2011; Cavalcanti; Fontes, 2011; Rodhes, 2013; Hodson, 2019; Clark; Gibbs, 2020).

Várias análises sobre os impactos da desindustrialização em comunidades específicas têm mostrado a centralidade da memória e de um orgulho comum de um passado fabril, certamente idealizado, todavia, carregado de sentido não apenas para os antigos trabalhadores e trabalhadores, mas também para novas gerações. Sherry Lee Linkon, professora de Estudos Culturais na Georgetown University, nos Estados Unidos, denominou esse fenômeno de “meia-vida da desindustrialização”, indicando como as consequências desta, assim como uma espécie de “radioatividade”, permanecem por muito tempo após o fechamento, a demolição ou novos usos das minas, fábricas e usinas (Linkon, 2018).

Em perspectiva similar, Alice Mah, em sua comparação entre cidades desindustrializadas no Canadá, nos Estados Unidos e na Rússia, cunhou o termo “ruinação industrial” para dar conta não apenas dos prédios abandonados e ruínas fabris, mas também de seu impacto social mais amplo naquelas comunidades. Seu livro *Industrial Ruination, Community, and Place* concentra-se no que a autora, num claro diálogo com a história, denomina de “legado”, ou seja, o impacto econômico e social e as implicações psicológicas de longo termo da “ruinação” para as pessoas e os lugares (Mah, 2012).

Estes estudos também têm colaborado para a compreensão de aspectos

absolutamente centrais da política contemporânea, como a ascensão da extrema direita¹³. Os debates sobre desindustrialização podem nos ajudar a entender um pouco mais porque, por exemplo, antigas comunidades fabris historicamente identificadas como bastiões socialistas ou comunistas em países como França ou Itália sejam hoje núcleos do voto fascista. Ou porque o *Rust Belt* (antigo coração da manufatura pesada estadunidense, nos estados situados em torno dos Grandes Lagos e dos Montes Apalaches, em declínio industrial desde os anos 1970), base do New Deal rooseveltiano, tenha se convertido em uma das fortalezas do trumpismo (aliás, também o centro da epidemia de opioides que toma conta do meio oeste americano há anos)¹⁴.

Uma história da desindustrialização talvez também nos ajude a compreender, no caso brasileiro, como antigos metalúrgicos paulistanos e seus filhos, muitos convertidos em “empreendedores” do Uber, passaram a votar na extrema direita. Ou ainda como o Rio de Janeiro, a segunda cidade industrial do país até os anos 1980, se tornou o coração do bolsonarismo popular, tendo como base muitos dos bairros e regiões tradicionalmente conhecidas como “de trabalhadores”.

Aliás, refletindo sobre as grandes cidades brasileiras, talvez possamos conjecturar que, se o metodismo, como nos lembra E. P. Thompson, foi a religião da Revolução Industrial inglesa, o neopentecostalismo poderia ser a religião da desindustrialização em alguns lugares como no Brasil. Ainda não temos muitas análises sobre essas conexões, mas é instigante observar que um relativamente recente estudo dos economistas da Fundação Getúlio Vargas Francisco Costa, Antelo Marcantonio e Rudi Rocha justamente relaciona a abertura comercial, o fechamento de empresas e o desemprego dos anos 1990 com o período de maior crescimento relativo das denominações neopentecostais exatamente nas regiões do país mais afetadas por esses fenômenos (Fraga, 2019)¹⁵.

Em uma perspectiva similar, vários trabalhos têm mostrado como os processos de desindustrialização têm impactado as relações de gênero, étnico/raciais e, em particular no caso europeu (e cada vez mais nos Estados Unidos, como pudemos perceber recentemente), o debate sobre imigração. Huw Beynon, Ray Hudson e outros sociólogos e antropólogos analisaram, como no caso do norte inglês, por exemplo, filhos e netos homens de antigos mineiros e trabalhadores fabris têm grande repulsa e muitas vezes se recusam a trabalhar no setor de telemarketing, lojas ou centros de distribuição de mercadorias (vários desses, localizados em antigos galpões industriais onde seus pais e avôs trabalharam no passado), por considerarem esses empregos precários e indignos,

frequentemente associados ao trabalho feminino e de imigrantes (Beynon; Hudson, 2021).

Na Índia, a historiadora do trabalho Chitra Joshi, ao analisar os “mundos do trabalho perdidos” com o declínio industrial em antigos centros têxteis como Kampur e Mumbai, observou que as imagens de decadência e decrepitude das fábricas foram antropomorfizadas nos corpos dos ex-trabalhadores, em particular dos homens, vistos como velhos, ultrapassados e antiquados. Tradicionais sentidos de dignidade e masculinidade foram abalados e geraram intensos conflitos, em particular com mulheres e crianças, com surtos de alcoolismo e violência física¹⁶ (Joshi 2013; 2009).

Diversos outros estudos também vêm destacando os sentimentos de perda e nostalgia no imaginário dos antigos trabalhadores industriais (cf., por exemplo, Rhodes, 2013; Strangleman, 2013; Clarke, 2015). A antropóloga Kathryn Marie Dudley, ao examinar processos similares, notou como os homens metalúrgicos estadunidenses percebiam o fechamento de plantas industriais automobilísticas como um verdadeiro “ritual de degradação de status”. As lembranças dos locais de trabalho e um certo orgulho pela performance nas linhas de produção eram recorrentes nas memórias de vários deles (Dudley, 1994).

Já a historiadora especializada nas interseções entre classe e gênero, Jackie Clarke, em um estudo sobre o fechamento de fábricas de liquidificadores e outros produtos domésticos em Molineux, na França – empresas majoritariamente compostas por mão de obra feminina –, chamou a atenção para a memória afetiva das amizades e camaradagem das antigas operárias. Clarke também observou como as representações dominantes na mídia e na sociedade em geral, inclusive no mundo acadêmico, veem os/as antigos/as operários/as como vítimas passivas e relíquias de uma outra era, uma espécie de animais em extinção, inadequados para os “novos tempos”. Essa imagem silencia e desqualifica as vozes dos/as trabalhadores/as. O fechamento das fábricas, a perda de empregos, reestruturações e downsizings são retratados, numa suposta linguagem neutra, como naturais e inevitáveis. A historiadora argumenta que a nostalgia não pode ser vista apenas como um sentimento regressivo ou até reacionário. As saudades de um tempo em que o trabalho era valorizado e “respeitado” podem ter um efeito mobilizador e desafiador à ideia da “modernização neoliberal” (Clarke, 2011; 2015).

Os estudos sobre desindustrialização, em uma perspectiva histórica, têm interesse crescente nos impactos gerados sobre o território, as estruturas urbanas e o meio ambiente. A reorganização das cidades e dos bairros desindustrializados, a gentrificação, o declínio de um senso comunitário e de conexão

com espaços públicos nessas regiões, além dos efeitos de imediatos e de longo prazo da poluição, contaminação tóxica e outras consequências ambientais da (des)industrialização, são alguns exemplos de temáticas mais recentemente exploradas na literatura¹⁷.

Nos debates sobre políticas públicas urbanas, o tema da desindustrialização tem eventualmente aparecido nos projetos de revitalização de velhos bairros operários, nas discussões sobre o que fazer com as ruínas fabris e nos debates sobre patrimônio industrial. E, de fato, essa última área talvez seja a única nos debates sobre desindustrialização que, até agora, encontrou algum apelo entre cientistas sociais e historiadores no Brasil¹⁸.

De uma maneira geral, os debates sobre desindustrialização remetem a um processo de invisibilização do trabalho e dos próprios trabalhadores e trabalhadoras, tema absolutamente fundamental para os historiadores do trabalho. O uso de “invisibilização” aqui não significa um desaparecimento total ou um lamento nostálgico, mas a constatação da marginalização, ocultação e desqualificação dos trabalhadores e trabalhadoras do discurso midiático, acadêmico e político em geral. Apesar de presente em variadas formas em todos os espaços e processos sociais, o trabalho e os trabalhadores – e, certamente a classe trabalhadora – aparecem cada vez menos no espaço e no debate público.

Bem antes do que nas ciências sociais e na história, essa memória industrial e invisibilização da classe trabalhadora têm sido tematizadas no campo das artes. No cinema, em particular, o tema tem sido frequente. A comédia britânica de 1997, *The Full Monty*, dirigida por Peter Cattaneo, por exemplo, retratava antigos operários siderúrgicos de Sheffield que, para sobreviver, passavam a atuar como um grupo de striptease. Foi um sucesso mundial.

A desindustrialização e suas consequências, no entanto, têm sido muito mais abordadas nas telas como drama, em obras tematizando a desesperança e conflitos sociais. É o caso de filmes como *Segunda-feira ao sol*, de Fernando León de Aranda (Espanha, 2002), *A Fábrica do Nada*, de Pedro Pinho (Portugal, 2017), *Cinzas e Brasas*, de Mannon Ott (França, 2018), *Em Guerra*, de Stéphane Brizé (França, 2018) e *Detropia*, de Heide Ewing e Rachel Grady (Estados Unidos, 2012), para ficarmos em algumas poucas obras de diferentes países. Porém, mesmo a refilmagem voltada para um público infantil de *Karate Kid* (direção de Harald Zwar, Estados Unidos, 2010) mostrava, em suas cenas iniciais, uma mãe e seu filho deixando uma chuvosa e deprimente cidade de Detroit, repleta de fábricas fechadas, para trabalhar numa fábrica automobilística na “exótica” e excitante China.

O tema é, ainda, objeto central de várias películas de documentaristas

consagrados, como o estadunidense Michael Moore, o britânico Ken Loach ou o chinês Zhao Liang. Em 2020, a discussão sobre desindustrialização ganhou ainda maior destaque no mundo do cinema com o prêmio de melhor documentário concedido a *American Factory*, de Julia Reichert e Steven Bognar¹⁹.

Na literatura, o relativamente recente fenômeno da chamada “autossocio-biografia” (cf. Pires, 2025; Bernardi, 2024) frequentemente tem explorado, num contexto de desindustrialização, as relações familiares entre filhos intelectuais e pais ex-operários. O tema está presente nas obras de autores franceses como Didier Eribon (*Retorno a Reims, A sociedade como veredito e Vida, velhice e morte de uma mulher do povo*), Annie Ernaux (*A vergonha, A outra filha, A escrita como faca*, entre outros) e Édouard Louis (*Quem matou meu pai, Lutas e metamorfoses de uma mulher, Mudar: método*, entre outros). De uma forma ou de outra, todas essas obras lidam com as maneiras como a desindustrialização e suas consequências têm afetado a classe trabalhadora, a política, a cultura, as relações pessoais e o tecido social como um todo. Essas questões também começam a aparecer na literatura contemporânea brasileira, como nos romances de Luiz Ruffato (*O Mundo Inimigo, Eles eram muito cavalos, Vista parcial da noite, Domingos sem Deus*, entre outros) e no bem-sucedido livro de estreia de José Henrique Bortoluci (*O que é meu*).

Os impactos da desindustrialização e do dismantelamento da classe operária “tradicional” têm sido igualmente objeto de análises dos chamados estudos culturais nas academias norte-americanas e europeias. Giacomo Bottà (2020), por exemplo, analisou a emergência de gêneros musicais como o punk, post-punk e heavy metal e o contexto de decadência industrial de diferentes cidades inglesas, alemãs e italianas. Cowie e Boehm (2006), por sua vez, exploram como a canção “Born in the USA”, grande sucesso de Bruce Springsteen no início dos anos 1980, revela a crise de identidade da classe trabalhadora estadunidense num cenário pós-Guerra do Vietnã, marcado pela decadência fabril e pelo dismantelamento de comunidades operárias. Já Judith Hamera (2012), em um último e talvez surpreendente exemplo, examina como a música e a dança de Michael Jackson, nos anos 80, não podem ser desvinculados do contexto da desindustrialização americana. Para a autora, a virtuosidade de Jackson “produz uma nostalgia de um passado industrial desaparecido, ao mesmo tempo em que revela as contradições e exclusões” desse projeto industrial, em particular aquelas relacionadas à raça.

Se o século XX, como afirmou o sociólogo sueco Goran Therborn, foi a “era da classe trabalhadora”, porque, “pela primeira vez, as pessoas que trabalham e que não têm propriedade tornaram-se uma força política fundamental

em escala global”, no século XXI, a identidade e o reconhecimento público dos trabalhadores parecem estar em claro declínio (Therborn, 2012). Para um historiador do movimento sindical das décadas de 1950, 60 e 70, como eu, chama muito a atenção ver a diminuição do uso dos termos “trabalhadores”, “sindicatos” ou “classe trabalhadora” no léxico e no vocabulário político. O uso do termo “operário” não apenas para se referir a trabalhador industrial, mas para o trabalhador braçal em geral, como era relativamente comum em décadas passadas, caiu em desuso quase que completamente. Claro que os termos e obviamente os temas vinculados ao mundo do trabalho não sumiram completamente, mas convivem ou são substituídos por expressões como “empreendedores”, “precarizados”, “PeJotizados”, entre outros. Na última campanha presidencial no Brasil, por exemplo, “evangélicos” provavelmente foram o grupo social mais comentado, e mesmo aqueles que ganhavam até 2 salários mínimos raramente eram identificados como trabalhadores/as²⁰. A ideia de um voto da classe trabalhadora parece completamente anacrônica. Quebrou-se, assim, uma relação historicamente construída entre mundo industrial e a cidadania política dos “de baixo”²¹. O declínio do trabalho fabril e do imaginário no seu entorno tem significado um apagamento cultural não apenas dos operários industriais, mas de *todos* os trabalhadores e trabalhadoras.

No entanto, e os historiadores do trabalho, como entram nesse debate? A história social do trabalho nasceu e se desenvolveu nesse mundo industrial em sentido amplo, como mencionei anteriormente. O fim de um determinado mundo industrial significaria o fim da história do trabalho? Nos anos 1990, autores influenciados pelas ondas pós-modernistas ou pós-estruturalistas acharam que sim²². Parafraseando Francis Fukuyama, viveríamos o fim da história social ou, ao menos, da história do trabalho, que para alguns, inclusive, jamais deveria sequer ter existido.

A história social do trabalho, no entanto, não só não acabou, como tem se mostrado resiliente e ampliado seu escopo e discussões. Há numerosas e profundas conexões entre a história e todos esses debates em torno da desindustrialização. A discussão sobre os próprios sentidos da desindustrialização pode colaborar para que vejamos de novas formas a própria velha ordem industrial e sua cultura, trazendo novas questões sobre temas com o meio ambiente, a economia, as relações de classe, as desigualdades sociais, de gênero e raciais, além dos diversos significados e sentidos do próprio trabalho. Todas essas questões têm sido objeto de intenso interesse da história do trabalho nos últimos anos.

De fato, se consideramos a história social do trabalho brasileira nos últi-

mos anos, por exemplo (mas creio que a observação vale para o campo mais globalmente), um aspecto que chama a atenção para sua renovação, diversificação e sofisticação é justamente uma compreensão ampliada do nosso próprio objeto de estudo, que obviamente reconhece a importância do trabalho e dos trabalhadores industriais e de suas organizações *stricto sensu*, mas tem ido muito além na compreensão do universo do trabalho²³. Essa amplitude foi captada de maneira perspicaz no próprio nome da associação dos historiadores do trabalho no Brasil, inspirada obviamente no famoso livro de Eric Hobsbawm (1987): mundos do trabalho (no plural e em toda a sua pluralidade). Nossos estudos têm procurado mostrar como se criam (ou não) processos de identidade e coesão diante de uma classe trabalhadora intrinsecamente heterogênea e diversificada – desafios e reflexões que me parecem prementes para pensar os mundos do trabalho no século XXI.

No entanto, como afirmam os próprios historiadores sociais do trabalho, as transformações que mudam radicalmente as formas de trabalho, os processos produtivos e a própria composição “morfológica” da força de trabalho não são exatamente uma novidade. De fato, são intrínsecas à própria lógica da sociedade capitalista e a praticamente todos os autores tidos como clássicos nesse campo de estudos. E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, David Montgomery, para ficarmos em apenas em alguns exemplos, tiveram que lidar centralmente com essas questões em suas obras (Hobsbawm, 1981b; 1987; Thompson, 1988; 1998; Montgomery, 1985).

Os debates e questões levantadas por vários desses historiadores nos ajudam a pensar sobre alguns dos desafios e dilemas contemporâneos e refletir sobre o futuro do próprio trabalho. Assim como os fenômenos relacionados à chamada desindustrialização, essas transformações, em diversos momentos do passado, foram frequentemente exaltadas de maneira ufanista, como inevitáveis para o progresso e o desenvolvimento humano. No entanto, aqueles que trabalhavam muitas vezes percebiam essas mudanças como a destruição dos seus modos de vida, assim como muitas comunidades de trabalhadores em todo o mundo atualmente também compreendem as metamorfoses das últimas décadas com desorientação e sentimentos de injustiça, perdas, insegurança e de desestruturação das suas formas de sociabilidade e organização política, social e cultural.

Assim, as poderosas análises de E. P. Thompson sobre o próprio momento do nascimento da moderna era fabril – a chamada Revolução Industrial – podem ser extremamente úteis e interessantes para pensarmos a chamada desindustrialização contemporânea²⁴. Thompson mostrou como os contemporâ-

neos vivenciaram aquele período como uma profunda era disruptiva, mas também como as tradições, os valores, os costumes e as culturas e práticas pré-industriais foram fundamentais para que “os de baixo” pudessem tanto resistir quanto dar sentido àquele momento. Como bem sabemos, Thompson argumenta que esses processos estão no coração do próprio fazer-se da classe operária inglesa (Thompson, 1988).

Classe é um fenômeno histórico. O fazer-se da classe é tanto um processo cultural, político, quanto econômico. Uma das principais consequências de analisar classe dessa forma, e não como uma “coisa”, uma “categoria” ou uma “estrutura”, é que ela nunca está “pronta”, “completamente formada”. Thompson prestou a atenção e nos ensinou muito sobre o “the making”, mas uma decorrência importante do seu método é também pensar processos de “unmaking” e de “remaking” da classe trabalhadora (cf. Miles; Savage, 1994; Barret, 2017).

É possível pensarmos que estamos passando por esses processos nas últimas décadas. Os historiadores são péssimos profetas, Hobsbawm nos lembra com sagacidade e ironia (Hobsbawm, 2002). Não sabemos com certeza como será o futuro do trabalho e de que forma a classe será ou não articulada e “re-feita” pelas gerações vindouras de trabalhadores e trabalhadoras. Mas sabemos que, quaisquer que sejam as formas como esses processos ocorram, as experiências, as tradições, os valores e as lutas dos trabalhadores da era industrial fordista formatarão muito desse futuro.

Parafraseando Thompson, eu creio e espero que nós, os historiadores do trabalho contemporâneos, continuaremos a resgatar os ferramenteiros, os torneiro-mecânicos, as operárias metalúrgicas, os petroleiros, os operário químicos, as trabalhadoras têxteis, as famílias ferroviárias, os eletricitistas da Light, as comunidades mineiras, os caixeiros, as atendentes do comércio, as telefonistas, os estivadores, as trabalhadoras domésticas, entre vários outros e outras, “dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade” (Thompson, 1988).

Termino citando Paulo Galo, uma ascendente liderança dos trabalhadores entregadores, e sua arguta percepção de como os combates do presente e as esperanças do futuro estão conectados com a longa tradição de lutas dos trabalhadores. Diz Galo:

se a uberização é um desdobramento da Revolução Industrial, os entregadores são um desdobramento da história dos operários. Somos os operários do nosso tempo, fazemos como entendemos o nosso tempo, o nosso espaço. Então para nós a luta se conecta com a conquista da liberdade e, a partir daí, com uma outra sequência de conquistas (Fontes; Pandolfi, 2022).

REFERÊNCIAS

- AKGOZ, Gorkem; CROUCHER, Richard; PIZZOLATO, Nico. Back to the Factory: The Continuing Salience of Industrial Workplace History. *Labor History*, v. 61, n. 1, pp. 1-11, 2019.
- AGÊNCIAGOV. Nova política industrial tem R\$ 300 bilhões previstos para financiamento até 2026. 22 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciagov.etc.com.br/noticias/202401/nova-politica-industrial-tem-r-300-bilhoes-previstos-para-financiamento-ate-2026>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- ALBERNAZ, Maria Paula (Coord.). Atlas digital colaborativo dos remanescentes industriais: Uma análise do subúrbio ferroviário da Zona Norte do Rio de Janeiro. ([s.d.]). Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/bd7ea50088574fcabfe60fbd2a48b19>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço dos debates. *Lua Nova*, São Paulo, n. 76, pp. 49-86, 2009.
- AMORIM, Henrique; CARDOSO, Ana Claudia Moreira; BRIDI, Maria Aparecida. Capitalismo Industrial de Plataforma: externalizações, sínteses e resistências. *Cadernos CRH*, v. 35, pp. 1-15, 2022.
- AMORIM, Henrique; GUILHERME, Guilherme Henrique. O capitalismo é mais industrial do que nunca. 12 abr. 2025. Disponível em: <https://abet-trabalho.org.br/o-capitalismo-e-mais-industrial-do-que-nunca/>. Acesso em: 3 out. 2025.
- AUCAR, Leonardo. Desindustrialização: balanço da literatura na sociologia e história. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. No prelo.
- BACHA, Edmar; DE BOLLE, Monica Baumgartem de (Orgs.). *O futuro da indústria no Brasil: desindustrialização em debate*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BARCHIESI, Franco; KENNY, Bridget. From Workshop to Wasteland: Deindustrialization and Fragmentation of the Black Working-Class in the East Rand (South Africa). In: ALTENA, Bert; VAN DER LINDEN, Marcel (Ed.). *De-industrialization: Social, Cultural and Political Aspects*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. pp. 35-64.
- BARRET, James R. Making and Unmaking the Working Class: E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class*, and the “New Labor History” in the United States. In: BARRET, James R. *History from the Bottom Up and the Inside Out: Ethnicity, Race, and Identity in Working-Class History*. Durham: Duke University Press, 2017. pp. 192-208.
- BATALHA, Claudio H. M. Os desafios atuais da história do trabalho. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23-24, pp. 87-104, 2006.
- BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BERGER, Stefan; HIGH, Steven. (De)Industrial Heritage: An Introduction. *Labor Studies on Working-Class History*, v. 16, n. 1, 1-27, 2019.

- BERGER, Stefan; WICKE, Christian. Um imaginário pós-industrial? A popularização do patrimônio industrial no Ruhr e a representação de sua identidade regional. *Estudos Históricos*, v. 27, n. 54, pp. 231-254, jul.-dez., 2014.
- BERNARDI, Tati. Annie Ernaux explica em livro por que inventou uma forma de escrever. 5 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatiber-nardi/2024/02/annie-ernaux-explica-em-livro-por-que-inventou-uma-forma-de-escrever.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- BEYNON, Huw; HUDSON, Ray. *The Shadow of the Mine: Coal and the End of Industrial Britain*. London: Verso, 2021.
- BHAMBRA, Gurinder K. Brexit, Trump, and “Methodological Whiteness”: On the Misrecognition of Race and Class. *The British Journal of Sociology*, v. 68, n. S1, pp. 214-232, 2017.
- BLUESTONE, Barry; HARRISON, Bennet. *The Deindustrialization of America: Plant Closings, Community Abandonment, and the Dismantling of Basic Industry*. New York: Basic Books, 1982.
- BOTTÀ, Giacomo. *Deindustrialisation and Popular Music: Punk and “Post-Punk” in Manchester, Düsseldorf, Torino and Tampere*. Lahan: Rowman & Littlefield, 2020.
- CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. *Economia e Sociedade*, v. 21, número especial, pp. 831-851, dez. 2012.
- CARVALHO SILVA, Marcelo Almeida de. Lugares de Memória dos Trabalhadores#98: Fábrica da Volkswagen do Brasil, São Bernardo do Campo (SP). In: FONTES, Paulo (Org.). *Lugares de Memória dos Trabalhadores*. São Paulo: Alameda, 2024. pp. 356-360.
- CAVALCANTI, Mariana; FONTES, Paulo. Ruínas industriais e memória em uma “fábrica fabril” carioca. *História Oral*, v. 14, n. 1, pp. 11-35, 2011.
- CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. *Cadernos AEL*, v. 14, n. 26, pp. 13-47, 2010.
- CHARBONNIER, Pierre. La Démocratie industrielle. In: CHARBONNIER, Pierre. *Abondance et liberté: Une histoire environnementale des idées politiques*. Paris: La Découverte, 2019. pp. 26-26.
- CLARK, Andy; GIBBS, Ewan. Voices of Social Dislocation, Lost Work and Economic Restructuring: Narratives from Marginalised Localities in the “New Scotland”. *Memory Studies*, v. 13, n. 1, pp. 39-59, 2020.
- CLARKE, Jackie. Closing Moulinex: Thoughts on the Visibility and Invisibility of Industrial Labour in Contemporary France. *Modern and Contemporary France*, v. 19, n. 4, pp. 443-458, 2011.
- CLARKE, Jackie. Closing Time: Deindustrialization and Nostalgia in Contemporary France. *History Workshop Journal*, v. 79, n. 1, pp. 107-125, 2015.

- CLARKE, Jackie et al. Gender and Deindustrialization: A Transnational Historiographical Review. *International Labor and Working-Class History*, v. 105, pp. 85-103, 2024.
- COWIE, Jefferson. How Labor Scholars Missed the Trump Revolt. Sep. 1st 2017. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/how-labor-scholars-missed-the-trump-revolt/>. Acesso em: 3 out. 2025.
- COWIE, Jefferson. *Stayin'Alive: The 1970s and the Last Days of the Working Class*. New York: The New Press, 2010.
- COWIE, Jefferson; BOEHM, Lauren. Dead Man's Town: "Born in the U.S.A.," Social History, and Working-Class Identity. *American Quarterly*, v. 58, n. 2, pp. 353-378, 2006.
- COWIE, Jefferson; HEATHCOTT, Joseph (Eds.). *Beyond the Ruins: The Meaning of Deindustrialization*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2003.
- DÉPOT. Deindustrialization and the Politics of Our Time (DePOT) examines the political responses to deindustrialization as well as its historical roots and lived experiences. [s.d.]. Disponível em: <https://deindustrialization.org/>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- DUDLEY, Kathryn Marie. *The End of the Line: Lost Jobs, New Lives in Postindustrial America*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- EMERY, Jay. Geographies of Deindustrialization and the Working-Class: Industrial Ruination, Legacies, and Affect. *Geography Compass*, v. 13, n. 2, pp. 1-14, 2019.
- FGV. Favela Fabril – Documentário sobre a CCPL. 12 mar. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0O423xhCPJ8>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- FONTES, Paulo. Classe e linguagem: notas sobre o debate em torno de *Languages of class* de Stedman Jones. *Revista de História* (USP), São Paulo, v. 140, pp. 95-105, 1999.
- FONTES, Paulo; FORTES, Alexandre; MAYER, David. Brazilian Labour History in Global Context: Some Introductory Notes. *International Review of Social History*, v. 62, S25, pp. 1-22, 2017.
- FONTES, Paulo; PANDOLFI, Dulce Chaves (Orgs.). *Relatos de combate: movimentos sociais na pandemia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2022.
- FORTES, Alexandre. *O processo histórico de formação da classe trabalhadora: algumas considerações*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, pp. 587-606, set.-dez. 2016.
- FRAGA, Érica. Crises econômicas elevam o número de fiéis evangélicos. 17 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/12/crises-economicas-elevam-o-numero-de-fieis-evangelicos.shtml>. Acesso em: 4 out. 2025.
- FREEMAN, Joshua B. *Mastodontes: a história da fábrica e a construção do mundo moderno*. São Paulo: Todavia, 2019.

- FRISONE, Anna. “We Won’t Go Back Home!”: Women’s Experiences with Deindustrialization and Unemployment at Fiat and LIP, a Comparative Perspective. *International Labor and Working-Class History*, v. 105, pp. 43-65, 2024.
- G1. Ford encerra produção na fábrica de São Bernardo do Campo depois de 52 anos. 30 out. 2019. Disponível em: <https://autoesporte.globo.com/videos/noticia/2019/10/ford-encerra-producao-na-fabrica-de-sao-bernardo-do-campo-depois-de-52-anos.gh.html>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- GERSTLE, Gary. *The Rise and Fall of the Neoliberal Order: America and the World in the Free Market Era*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- GOLDTHORPE, John et al. *The Affluent Worker: Industrial Attitudes and Behavior*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- GORZ, André. *Adieux au Prolétariat*. Paris: Seuil, 1981.
- HABERMAS, Jürgen. A Nova Intransparência: A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 18, v. 2, pp. 103-114, set. 1987.
- HABERMAS, Jürgen. *The Theory of Communicative Action: Reason and the Rationalization of Society*. Vol. 1. Cambridge: Polity Press, 1981.
- HAMERA, Judith. The Labors of Michael Jackson: Virtuosity, Deindustrialization, and Dancing Work. *PMLA/Publications of the Modern Language*, v. 127, n. 4, pp. 751-765, 2012.
- HARVEY, David. *O Neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2014.
- HIGHSMITH, Andrew. R. Beyond Corporate Abandonment: General Motors and the Politics of Metropolitan Capitalism in Flint, Michigan. *Journal of Urban History*, v. 40, n. 1, pp. 31-47, 2012.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve séc. XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric et al. *The Forward March of Labour Halted?* London: Verso, 1981a.
- HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBSBAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. *Os trabalhadores: Estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981b.
- HODSON, Pete. Titanic Struggle: Memory, Heritage and Shipyard Deindustrialization in Belfast. *History Workshop Journal*, v. 87, pp. 224-249, Spring 2019.
- HIGH, Steven. The Emotional Fallout of Deindustrialization in Detroit. *Labor: Studies on Working-Class History*, v. 16, n. 1, pp. 127-149, 2019.
- HIGH, Steven. *Industrial Sunset: The Making of North America’s Rust Belt, 1969-1984*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.
- HIGH, Steven. The “Wounds of Class”: A Historiographical Reflection on the Study of Deindustrialization. *History Compass*, v. 11, issue 11, pp. 994-1007, Nov. 2013.

- HIGH, Steven; MACKINNON, Lachlan; PERCHARD Andrew. *The Deindustrialized World: Confronting Ruination in Postindustrial Places*. Vancouver: UBC Press, 2017.
- HUMPHREY, John. *Fazendo o “milagre”*: controle capitalista e luta operária na indústria automobilística brasileira. Petrópolis: Vozes, 1982.
- JONES, Owen. *Chavs: The Demonization of the Working Class*. Londres: Verso, 2011.
- JONSSON, Fredrik Albritton. The Industrial Revolution in the Anthropocene. *The Journal of Modern History*, v. 84, n. 3, pp. 679-696, Sep. 2012.
- JOSHI, Chitra. Espaços do trabalho e história social na Índia. *Estudos Históricos*, v. 22, n. 43, pp. 5-30, jan.-jun. 2009.
- JOSHI, Chitra. *Lost Worlds: Indian Labour and its Forgotten Histories*. New Delhi: Permanent Black, 2003.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. *Patrimônio*: Revista Eletrônica do Iphan, Brasília, v. 4, pp. 1-7, 2006.
- LAMONT, Michèle; DUVOX, Nicolas. How Neo-Liberalism Has Transformed France’s Symbolic Boundaries? *French Politics, Culture and Society*, v. 32, n. 2, pp. 57-75, 2014.
- LEHMT. Memórias de Um Rio Fabril | Paulo Fontes, Thais Blank e Isabel Joffily | 2017. 4 jun. 2019. Disponível em: <https://lehmt.org/memorias-de-um-rio-fabril-paulo-fontesthais-blank-e-isabel-joffily-2017/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- LEWIS, Camilla. “Regenerating Community”?. Urban Change and Narratives of the Past. *The Sociological Review*, v. 64, n. 4, pp. 912-928, 2016.
- LINKON, Sherry Lee. *The Half-Life of Deindustrialization: Working-Class Writing about Economic Restructuring*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018.
- MACHADO, Leandro. “Todos os meus sonhos ruindo”: o drama dos metalúrgicos com fechamento de fábrica da Ford em SP. 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47308514>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- MAH, Alice. *Industrial Ruination, Community, and Place: Landscapes and Legacies of Urban Decline*. Toronto: University of Toronto Press, 2012.
- MAIA, Bento Antunes de Andrade. Há desindustrialização no Brasil? Um estudo da abordagem clássica e de análises alternativas entre 1998 e 2014. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 2, pp. 549-579, 2020.
- MCKENZIE, Lisa. “It’s Not Ideal”: Reconsidering “Anger” and “Apathy” in the Brexit Vote among an Invisible Working Class. *Competition & Change*, v. 21, n. 3, pp. 199-210, 2017.
- MELO, Filipe Augusto Freitas. *Não Trabalhando (mais) para a Ford*: ação sindical contra o fechamento das fábricas no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2025.
- MELLO, Marcelo Moura. Tecido Memória – completo. 14 set. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRsQU4Pt-QI>. Acesso em: 22 abr. 2025

- MELLO E SILVA, Leonardo. Patrimônio Industrial: Passado e Presente. *Patrimônio: Revista Eletrônica do Iphan*, Brasília, v. 4, pp. 1-5, 2006.
- MILES, Andrew; SAVAGE, Michael. *The Remaking of the British Working Class, 1840-1940*. London: Routledge, 1994.
- MHASKAR, Sumeet. Claiming Entitlements in “Neo-Liberal” India. Mumbai’s Ex-millworkers’ Political Mobilisation on the Rehabilitation Question. *QEH Working Paper Series*, pp. 1-24, 2013.
- MONTGOMERY, David. *El control obrero en Estados Unidos: estudios sobre la historia del trabajo, la tecnología y las luchas obreras*. Madrid: Ministerio del Trabajo y Seguridad Social, 1985.
- MORCEIRO, Paulo César; GUILHOTO, Joaquim José Martins. Sectoral Deindustrialization and Long-Run Stagnation of Brazilian Manufacturing. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 43, n. 2, pp. 418-441, Jan.-jun. 2023.
- NAYAK, Anoop. Displaced Masculinities: Chavs, Youth and Class in the Post-industrial City. *Sociology*, v. 40, n. 5, pp. 813-831, Oct. 2006.
- OREIRO, José Luís; FEIJÓ, Carmen. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. *Revista de Economia Política*, v. 30, n. 2, pp. 219-232, 2010.
- PIRES, Paulo Roberto. Lutas de classe: Tati Bernardi e Vincenzo Latronico miram nas elites culturais de São Paulo e Berlim e acertam na condescendência. 15 abr. 2025. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/tag/autosociobiografia/>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- PIZZOLATO, Nico. *Challenging Global Capitalism: Labor Migration, Radical Struggle and Urban Change in Detroit and Turin*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- POCHMANN, Márcio. *Brasil sem industrialização: a herança renunciada*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.
- REDAÇÃO. Volkswagen Run leva mais de 4 mil à fábrica. 1º out. 2007. Disponível em: <https://www.ativo.com/ativo/volkswagen-run-leva-mais-de-mil-fbrica-1525/>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- REICHARD, Joshua. American Religion, Deindustrialization, and the Tofflerian Socioeconomic Wave Model. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/400020/American_Religion_Deindustrialization_and_the_Tofflerian_Socioeconomic_Wave_Model. Acesso em: 25 out. 2023.
- REUTERS. Volkswagen demite 800 em fábrica no ABC, trabalhadores decidem por greve. 6 jan. 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carros/noticias/reuters/2015/01/06/volkswagen-demite-800-empregados-da-fabrica-de-sao-bernardo-do-campo.htm>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- RIBEIRO, Marcelo Gomes. Desindustrialização nas metrópoles brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 26, n. 1, pp. 1-25, 2024.
- RHODES, James. Youngstown’s “Ghost”? Memory, Identity, and Deindustrialization. *International Labor and Working-Class History*, v. 84, pp. 55-77, 2013.

- RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação e Restauro Urbano: Intervenção em Sítios Históricos Industriais*. São Paulo: Edusp, 2013.
- RUSSO, John; LINKON Lee, Sherry. The Social Costs of Deindustrialization. [s.d.]. Disponível em: <https://ysu.edu/center-working-class-studies/social-costs-deindustrialization>. Acesso em 20 set. 2023.
- SANTOS, Fabiano et al. Desindustrialização e a Dinâmica das Eleições Presidenciais no Brasil (2002-2018). *Opinião Pública*, v. 30, pp. 1-36, 2024.
- SCHICCHI, Maria Cristina. Preservação do Patrimônio Industrial no Brasil: Entrevista com Silvana Rubino e Cristina Meneguello. *Oculum Ensaios*, PUCCAMP, n. 3, pp. 125-132, 2005.
- SCHWARTZ, Olivier. Does France Still Have a Class Society? Three Observations about Contemporary French Society. 3 mar. 2014. Disponível em: <https://booksandideas.net/Does-France-Still-Have-a-Class.html>. Acesso em: 15 mar. 2023,
- SEDREZ, Lise; MAIA, Andrea Casa Nova. Se as baías falassem: História oral e desindustrialização nociva nas Baías de Bizkaia (Espanha) e Guanabara (Brasil). *Vária História*. No prelo.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SOUZA, Felipe Azevedo e et al. Quinze Anos de História Social do trabalho. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 16, pp. 1-9, 2024.
- STANDING, Guy. *O precariado: a nova classe perigosa*. Tradução de Cristina Antunes. São Paulo: Autêntica, 2013.
- STRADLING, David; STRADLING, Richard. Perceptions of the Burning River: Deindustrialization and Cleveland's Cuyahoga River. *Environmental History*, v. 13, n. 3, pp. 515-535, Jul. 2008.
- STRANGLEMAN, Tim. Deindustrialisation and the Historical Sociological Imagination: Making Sense of Work and Industrial Change. *Sociology*, v. 51, n. 2, pp. 1-34, 2017.
- STRANGLEMAN, Tim. Rethinking Industrial Citizenship: The Role and Meaning of Work in an Age of Austerity. *The British Journal of Sociology*, v. 66, n. 4, pp. 673-690, 2015.
- STRANGLEMAN, Tim. "Smokestack Nostalgia", "Ruin Porn", or Working-Class Obituary: The Role and Meaning of Deindustrial Representation. *International Labor and Working-Class History*, v. 84, pp. 23-37, Fall 2013.
- STRANGLEMAN, Tim. The World We Have Lost: Reflections on Varieties of Masculinity at Work. *International Labor and Working-Class History*, v. 105, pp. 9-25, 2024.
- TARR, Joel A. (Ed.). *Devastation and Renewal: An Environmental History of Pittsburgh and its Region*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2011.
- THERBORN, Goran. Class in the 21st Century. *New Left Review*, n. 78, pp. 22-56, Nov.-Dec. 2012.

- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- TODD, Selina. *The People: The Rise and Fall of the Working Class*. London: John Murray, 2014.
- TOLLOTTI, João. A Rota do Frango com Polenta acabou. 30 jul. 2023. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/4015882/a-rota-do-frango-com-polenta-acabou>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- TOMLINSON, Jim. Re-Inventing The “Moral Economy” in Post-War Britain. *Historical Research*, v. 84, n. 224, pp. 356-373, May 2011.
- TOURAINÉ, Alain. *La société post-industrielle*. Paris: Seuil, 1969.
- WORLD BANK GROUP. Employment in Industry (% of total employment) (modeled ILO estimate). 2025. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SL.IND.EMPL.ZS>. Acesso em: 15 abr. 2025.

NOTAS

¹ Uma versão anterior desse texto foi apresentada como uma das palestras da mesa de abertura do VII Seminário Internacional Mundos do Trabalho, realizado em novembro de 2022 na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), em Salvador. Também foi discutida no âmbito do projeto PROBRAL (CAPES/DAAD) intitulado “Desindustrialização e história social: a construção de um campo de pesquisa (Brasil e Alemanha)”, que reúne professores da UFRJ, UFBA e FGV-SP. Agradeço aos vários comentários, críticas e sugestões dos/as colegas que participaram dessas atividades.

² Sobre a Fábrica da Volkswagen em São Bernardo do Campo, ver, entre outros, Humphrey (1982) e Carvalho Silva (2024).

³ Sobre o fechamento da Ford em São Bernardo do Campo, ver Machado (2019) e Melo (2025). Um exemplo do processo de enxugamento de trabalhadores da fábrica da Volkswagen em São Bernardo do Campo pode ser visto em Reuters (2015). Sobre a *Volks Run*, ver Redação (2007).

⁴ Sobre o fechamento da fábrica da Ford em São Bernardo do Campo, ver Machado (2019) e G1 (2019). Sobre o fim da “rota do frango com polenta”, ver Tollotti (2023).

⁵ De fato, não por acaso, debates sobre (re)industrialização nos países que têm passado por forte declínio fabril continuam a ter papel fundamental nas disputas políticas e nos planos econômicos. Nos Estados Unidos, por exemplo, a versão reacionária daquilo que poderia ser denominado de “política industrial” de Trump, com sua visão de reviver os “gloriosos velhos tempos”, se contrapõe a versões de uma reindustrialização que, pelo menos no nível discursivo, se diz baseada em energias renováveis, avanços tecnológicos e inclusão social, a exemplo de algumas propostas do governo de Joe Biden e dos adeptos do chamado *Green*

New Deal. No Brasil, as discussões sobre uma nova política industrial também ganharam tração nos últimos anos com as iniciativas e propostas do governo Lula III. Ver Agênciagov (2024).

⁶ Para uma análise recente que enfatiza a importância das fábricas para uma história global trabalho, ver Akgoz, Croucher e Pizzolato (2019). Os autores afirmam que esses espaços de trabalho têm sido negligenciados nas perspectivas “transnacionais” e “globais” de estudos históricos sobre o trabalho.

⁷ Ver, entre outros, Habermas (1981; 1987), Bell (1973) e Touraine (1969). Para um balanço dos debates sobre novos movimentos sociais e seu impacto no Brasil, ver Alonso (2009).

⁸ Para uma análise da influência das teses obreiristas e autonomistas na história social do trabalho no Brasil, ver Fortes (2016). Uma interessante abordagem histórica sobre as conexões entre o obreirismo italiano e as lutas pelos direitos civis e sociais dos trabalhadores negros estadunidenses pode ser vista em Pizzolato (2013).

⁹ Há uma extensa literatura sobre o impacto das políticas neoliberais no Reino Unido e nos Estados Unidos. Alguns exemplos significativos são Hobsbawm (1995); Jones (2011); Harvey (2014); Todd (2014) e Gerstle (2022).

¹⁰ Há uma vasta literatura sobre democracia industrial. Para uma síntese dessa produção, ver Charbonnier (2019).

¹¹ Exemplos de estudos sobre a África do Sul e Índia são Barchiesi e Kenny (2002) e Mhaskar (2013).

¹² Para alguns artigos que procuram realizar um “estado da arte” mais amplo sobre o campo de estudos da desindustrialização, ver High (2003 e 2013), Emery (2019), Berger e High (2019) e Aucar (no prelo).

¹³ Há muitas análises que conectam a desindustrialização com a ascensão da extrema direita na Europa e nos Estados Unidos nas últimas décadas. Alguns exemplos são Lamont e Duvox (2014); Schwartz (2014), Bhambra (2017), McKenzie (2017), Cowie (2017) e High (2019).

¹⁴ Sobre a relação entre a epidemia de opioides e a desindustrialização no *Rust Belt* estadunidense, ver, entre outros, Seltzer (2020). O tema é tratado de forma saudosista, conservadora e moralista no *best seller Hillbilly Elegy: A Memoir of a Family and Culture in Crisis* (traduzido no Brasil como *Era uma vez um sonho*), do atual vice-presidente dos Estados Unidos, J. D. Vance. Em 2020, foi lançado o filme *Hillbilly Elegy*, dirigido por Ron Howard, baseado no mesmo livro. Ainda sobre os impactos sociais e culturais da desindustrialização no meio oeste americano, ver a síntese de Russo e Linken ([s.d.]).

¹⁵ Para uma análise da relação entre religião e desindustrialização no caso estadunidense, ver Reichard (2009).

¹⁶ Para outras análises que enfatizam as relações entre desindustrialização e gênero, ver, entre outros, Nayak (2006), Clarke et al. (2024), Frisone (2024) e Strangleman (2024).

¹⁷ Para essas temáticas, ver alguns exemplos em Stradling e Stradling (2008), Tarr (2011),

Highsmith (2012), Lewis (2016) e High, MacKinnon e Prechard (2017). Uma pesquisa pioneira sobre história ambiental e desindustrialização no Brasil, com foco na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, vem sendo desenvolvida pelas professoras Lise Sedrez e Andrea Casa Nova Maia, da UFRJ (cf. Sedrez e Casa Nova, no prelo).

¹⁸ O Comitê Brasileiro para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH – Brasil), fundado no início dos anos 2000, organiza eventos e congressos regularmente, tendo um papel central na divulgação dessa agenda interdisciplinar de pesquisa no Brasil. Ver, entre outros, Schicchi (2005); Kühl (2006), Mello e Silva (2006) e Rufinoni (2013). Para um interessante trabalho de difusão científica e história pública que articula arquitetura, urbanismo, memória e história, ver o Atlas Colaborativo dos Reminiscentes Industriais, coordenado pela professora Maria Paula Albernaz da UFRJ (Albernaz, [s.d.]). Para discussões recentes sobre a relação entre patrimônio e desindustrialização, ver Berger e Wicke (2014) e Berger e High (2019).

¹⁹ No Brasil, historiadores e antropólogos têm se aventurado na feitura de documentários sobre o declínio do mundo industrial e a memória operária. Para alguns exemplos, ver *Tecido Memória* (2008), de José Sérgio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvim (Mello, 2013); *Favela Fabril* (2013), de Thais Blank, Mariana Cavalcanti e Paulo Fontes (FGV, 2014); e *Memórias de um Rio Fabril* (2017), de Paulo Fontes, Thais Blank e Isabel Joffily (LEHMT, 2019).

²⁰ Para uma análise pioneira que procura correlacionar voto, território e desindustrialização, ver Santos et al. (2024).

²¹ Há uma gigantesca literatura sobre “cidadania industrial”. Para um balanço recente da literatura em língua inglesa, ver Strangleman (2015).

²² Para uma apresentação de alguns destes debates, ver Fontes (1999).

²³ Para alguns balanços da produção da história do trabalho no Brasil, ver Batalha (2006), Chalhoub e Silva (2010), e Fontes, Fortes e Mayer (2017). A *Revista Mundos do Trabalho* tem sido o principal espaço de debate e difusão da história do trabalho brasileira. Para uma introdução à revista e seu papel na historiografia, ver Souza et al. (2024).

²⁴ No contexto britânico, Strangleman (2017) e Tomlinson (2011) têm argumentado sobre a importância da obra de Thompson para os estudos sobre desindustrialização.

Artigo submetido em 30 de abril de 2025.

Aprovado em 03 de setembro de 2025.

Declaração de disponibilidade de dados:

Os dados de pesquisa estão disponíveis
no corpo do documento.

Editor responsável: César Augusto Bulboz Queirós.

